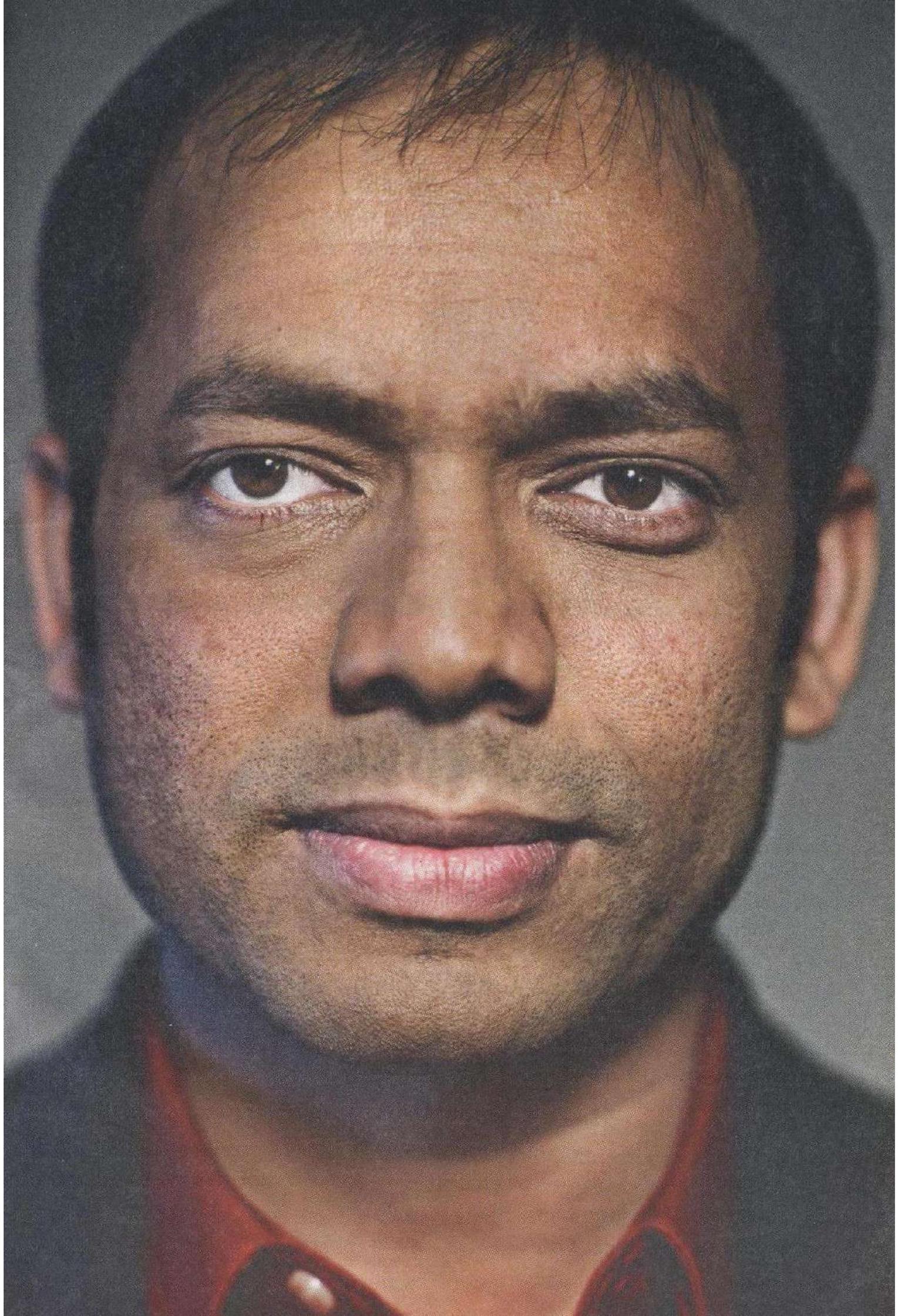


A Fracção do perdão

Depois de baleado à queima-roupa, **Rais Bhuiyan** lutou para salvar a vida do homem que puxou o gatilho

POR MIKE SAGER

● DA *Esquire*





m 2001, dez dias depois dos ataques ao Pentágono e às torres do World Trade Center, Rais Bhuiyan sofreu um ataque terrorista particular.

Natural de Bangladesh, ele morava em Dallas, no estado americano do Texas, havia apenas quatro meses e tinha se mudado de Manhattan em busca de um custo de vida mais baixo. No ano anterior, tivera uma sorte inacreditável: fora um dos milhares de ganhadores entre os milhões que se inscreveram, em 2000, na loteria do *green card*, o visto de residência permanente nos Estados Unidos. Embora amigos da comunidade de imigrantes tivessem lhe avisado que os texanos podiam ser meio hostis, Bhuiyan decidiu mandar buscar a noiva e constituir família o mais cedo possível. Com a promessa de emprego e lugar para morar feita por um amigo e com muitas oportunidades para continuar a estudar, Bhuiyan achou que Dallas seria perfeita. Estava com 27 anos, pronto para começar a vida.

Pouco depois do meio-dia de 21 de setembro, Bhuiyan fazia um turno extra num posto Texaco, substituindo um amigo atrás do balcão da loja de conveniência, quando Mark Stroman, 31 anos, cabeça raspada, viciado em metanfetamina, pai de quatro filhos, com uma extensa ficha criminal e uma série de tatuagens racistas, entrou e fez o que, segundo ele, “milhões de americanos queriam fazer” depois do 11 de Setembro: a uma distância de pouco mais de um metro, vingou-se com uma espingarda de cano serrado.

Quando Stroman entrou na loja com a arma, Bhuiyan achou que estava prestes a sofrer o segundo assalto. Da primeira vez, pensara que o ladrão queria lhe vender o revólver. Os moradores locais viviam tentando lhe

vender televisores, relógios e outras mercadorias roubadas.

– Quanto? – perguntou Bhuiyan.

O homem engatilhou a arma.

Dessa vez, Bhuiyan estava preparado. Fez o que era mais sensato e esvaziou imediatamente a caixa registradora. Por causa das instruções do chefe, havia apenas uns 150 dólares na gaveta.

– Senhor, aqui está o dinheiro – disse Bhuiyan. – Por favor, não atire em mim.

– De onde você é? – perguntou Stroman.

Mesmo que pareça estranho, essa não era uma pergunta incomum nos dias que se seguiram ao 11 de Setembro. De fato, na véspera Bhuiyan conversara sobre islamismo e geogra-

fia com alguns policiais amistosos que sempre paravam para um lanche. Eles ficaram curiosos ao descobrir que a religião era praticada por pessoas que nem eram árabes.

Bhuiyan ouviu uma explosão. A princípio pareceu muito distante, um dos tiros aleatórios típicos do bairro. Depois seu corpo foi jogado para trás e ele sentiu “um milhão de picadas de abelha” no rosto. Olhou para baixo, viu o sangue escorrer do lado direito, como se jorrasse de uma torneira aberta, e pensou: “Pode ser que todo o sangue do meu cérebro saia rápido. Não posso deixar que ele se esvazie.” Pôs as duas mãos na cabeça escorregadia e se perguntou: “Será que eu morro hoje?”

Então, caiu.

Mais tarde, Mark Stroman diria à polícia que caçava árabes. A declaração de que sua irmã morrera nas Torres Gêmeas nunca foi confirmada. Bhuiyan foi apenas uma das vítimas do atirador. As outras duas eram imigrantes do Paquistão e da Índia, não eram árabes e não sobreviveram. Juntos, deixaram duas viúvas e seis órfãos.

Stroman foi julgado pelo assassinato do indiano, um hinduísta de 49 anos chamado Vasudev Patel. Esse crime, cometido também à queima-roupa com uma pistola calibre 44 numa

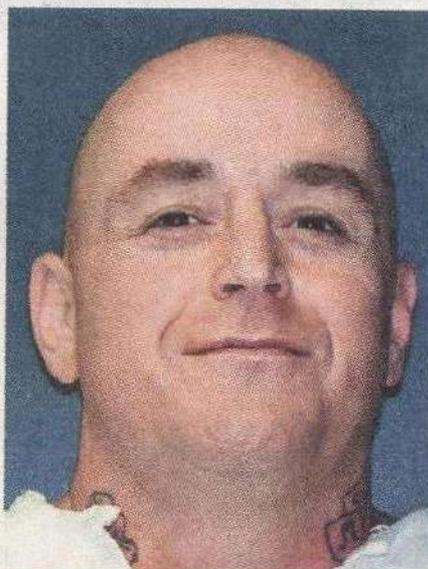
loja de conveniência, foi registrado pela câmera de segurança.

Stroman não demonstrou remorso no julgamento. Em 2002, foi considerado culpado e condenado à morte pelo homicídio de Patel. O caso dele foi um dos primeiros a serem julgados de acordo com a nova lei estadual de crimes de ódio, criada, em parte, como reação à morte de James Byrd Jr., um afro-americano do Texas arrastado por cinco quilômetros atrás de uma picape, o que provocou sua decapitação.

Bhuiyan sobreviveu com 38 partículas da bala alojadas no rosto, no couro cabeludo e no olho. Como não tinha plano de saúde e ninguém para levá-lo constantemente ao médico, perdeu a visão no olho direito – hoje, ele só percebe manchas de luz. Os corpos estranhos irritam os nervos sob a pele. Ele não dorme sobre o lado direito. E cortar o cabelo pode ser uma tortura

se o barbeiro não tomar cuidado.

Desde a tentativa de homicídio, duas partículas mais incômodas foram removidas – processo que envolveu muitos puxões, como numa extração de dente à moda antiga, e um volume copioso de sangue. A pior delas estava presa no meio da testa. Muçulmano devoto, ele reza cinco vezes por dia. Toda vez que a cabeça tocava o chão, a dor era insuportável. A esfera



Stroman, 31 anos em 2001, tinha ficha criminal desde antes dos 10 anos de idade.

de chumbo ficou achatada como uma panqueca com o impacto contra o crânio. Sua mãe sempre dissera que ele era cabeça-dura. Agora tinha certeza disso. Ele preferiu não guardar o objeto como lembrança.

Depois que Stroman foi mandado para o corredor da morte, Bhuiyan recomeçou a vida da melhor maneira que pôde. Sem carro, sem dinheiro, com uma dívida de milhares de dólares em contas de hospital e nenhum lugar onde morar. O amigo e empregador que o tinha levado para lá fazia-o se sentir como um fardo. Ainda assim, Bhuiyan era orgulhoso demais para voltar para casa. Ele abriu mão de um futuro nos círculos da elite de Bangladesh para tentar o sonho americano. Prometera sucesso aos amados pais, que tinham apoiado sua decisão e financiado com alegria seu capricho. Nesse meio-tempo, a noiva desistira. Não podia esperar mais. Nada lhe restava.

Bhuiyan ficou em Dallas, vivendo em sofás. Durante muito tempo, teve medo de sair à rua. Provavelmente sofria de transtorno de estresse pós-traumático, mas não tinha dinheiro para terapia. Em 2003, depois de muita oração, decidiu procurar emprego como garçom. Haveria um jeito melhor de se reacostumar às pessoas? Começou no Olive Garden. Enquanto isso, a Cruz Vermelha decidiu que ele não tinha direito a receber nada do fundo do 11 de

Setembro, a não ser comida de graça, o que ele recusou terminantemente. Mais tarde, com a ajuda de um médico amigo, as contas de Bhuiyan no hospital foram pagas por um fundo estatal de indenização a vítimas. Com a maior parte das dívidas pagas, ele conseguiu abrir conta em banco, alugar um apartamento, obter crédito e comprar um carro.

Em novembro de 2009, depois de frequentar gratuitamente uma escola de informática que pertencia a um membro de sua mesquita (e após abrir uma empresa para promover o software para restaurantes que desenvolveu com o professor), Bhuiyan sentiu-se forte e recuperado a ponto



Bhuiyan, muçulmano praticante, cresceu num lar confortável de classe média em Daca, capital de Bangladesh.

“Mark Stroman cometeu um erro. Não se vai conseguir nada matando-o. Ele tem de ser salvo”, disse Bhuiyan.

de cumprir a promessa que fizera a Alá quando pensou que morreria: fazer o *hadji*, a peregrinação a Meca.

Como o pai já fora três vezes, ele levou a mãe, que nunca fizera a peregrinação sagrada, um dos cinco pilares do islamismo. Os dois ficaram lá um mês inteiro, rezando entre milhões de fiéis.

Quando voltou a Dallas, Bhuiyan era um homem diferente. “Eu não me preocupava mais comigo”, explicaria mais tarde. “Em vez disso, comecei a pensar naquele sujeito, Mark Stroman, que passara os últimos nove anos atrás das grades à espera da morte.”

Bhuiyan se lembra de ter pensado: “Ele é um ser humano como eu. Cometeu um erro. Claro que foi um erro terrível, quanto a isso não há dúvida. Mas o Corão diz claramente que quem está numa situação como a minha pode exigir justiça, pode pedir uma indenização financeira ou pode perdoar. E, quando se perdoa, isso significa que o outro está perdoado. Não tem de passar a vida atrás das grades. Se eu o perdoar, por que continuar com a punição? Esse é o ensinamento islâmico. Eu passei pelo pior que um ser humano poderia passar. Aquelas duas mulheres que perderam o marido também sofreram junto com os filhos. Mas não se vai conseguir nada matando Mark Stroman. Ele tem de ser salvo.”

Bem-educado e brincalhão, com um sorriso tímido e encantador e um sotaque melodioso do sul da Ásia, Bhuiyan decidiu fazer uma campanha pública a favor de Stroman. Pesquisou bastante na Internet, participou de programas para conseguir recursos, assistiu a palestras, começou a montar uma rede. Finalmente, conheceu Rick Halperin, professor da Universidade Metodista do Sul com longo histórico de combate à pena de morte no Texas. Na década anterior, apesar da redução dos crimes violentos, houvera no estado uma média de 25 execuções por ano, o nível mais alto de penas de morte da história moderna.

Halperin é ex-presidente da Anistia Internacional dos Estados Unidos. Com sua ajuda, em 16 de maio de 2011, cerca de 18 meses depois do *hadji* de Bhuiyan e do seu apelo para salvar

“Ei, cara”, disse Stroman ao telefone, “obrigado por tudo que vem tentando fazer por mim. Você é inspirador.”

Stroman, uma reportagem foi publicada no jornal *Dallas Morning News*: “Imigrante de Bangladesh busca suspensão da pena de morte do homem que tentou matá-lo como vingança pelo 11 de Setembro.”

Num longo editorial publicado alguns dias depois no *Morning News*, Bhuiyan pediu a comutação da pena de morte de Stroman por prisão perpétua sem direito a liberdade condicional.

“Perdoei Stroman muitos anos atrás”, escreveu Bhuiyan. “Acredito que ele era ignorante e incapaz de distinguir o certo do errado, ou não seria capaz de fazer o que fez [...]. Acredito que, se pouparmos a vida de Stroman, daremos a ele a oportunidade de perceber, com o tempo e a maturidade, que o ódio não traz solução pacífica a nenhuma situação. Quem sabe, se tiver oportunidade, isso gere uma in-

fluência tão positiva que talvez ele se torne um porta-voz contra esse tipo de crime.”

Só havia um problema: a execução de Stroman aconteceria dali a exatos dois meses. A data estava marcada: 20 de julho de 2011.

Da noite para o dia, Rais Bhuiyan se tornou internacionalmente conhecido e virou tema de reportagens, entrevistas na TV, blogs e noticiários. Mas não chegava a lugar nenhum. Com o tempo para a execução de Stroman passando rapidamente, Bhuiyan correu de um lado para outro entre os advogados do condenado e as autoridades estaduais. Mergulhado em leis e burocracia, Bhuiyan encontrou um advogado, Khurram Wahid, que aceitou defender seu caso sem cobrar.

Junto com o grupo Grace, contrário à pena de morte, Wahid defendeu o caso de Bhuiyan nos tribunais estaduais com base nos direitos das vítimas. Mas, quando ficou claro que era loucura querer a comutação no Texas do governador Rick Perry, a equipe de Bhuiyan tentou pelo menos obter um encontro pessoal dele com Stroman.

No dia marcado para a execução, com a luta jurídica de última hora ainda sendo travada nos tribunais, Bhuiyan fez a última tentativa malsucedida de telefonar para a penitenciária de Huntsville e falar com Stroman.

Momentos depois, telefonou para Ilan Ziv, cineasta israelense que acompanhava Stroman havia anos.

Ziv estava na penitenciária conversando com o condenado e disse que este exprimira remorso pelos seus crimes, pelas crenças racistas. Ficava especialmente comovido com a campanha altruísta de Bhuiyan para que sua pena fosse comutada.

Ziv se ofereceu para intermediar uma conversa pelo viva-voz. Bhuiyan aceitou. A equipe de advogados se reuniu em torno dele. Eis parte da conversa, gravada por Ziv:

- Ei, cara - disse Stroman com o forte sotaque sulista -, obrigado por tudo que vem tentando fazer por mim. Você é inspirador. Obrigado do fundo do coração, colega.

- Mark, você devia saber que estou rezando a Deus, o mais bondoso e compassivo. Eu o perdoo e não o odeio. Nunca o odiei...

- Ei, Rais, estão dizendo para eu desligar. Tentarei ligar daqui a pouco.

A ligação se encerrou. Bhuiyan ficou frustrado.

"Nunca consegui lhe dizer por que o perdoei", lamenta-se. "Isso é que era importante e não consegui dizer." Ele olhou pela janela. "Não era isso que eu queria."

Às 20h53, Mark Stroman foi morto com uma injeção letal.

Depois da execução, a carreira de Bhuiyan na luta contra os crimes

de ódio decolou. Como parte de sua campanha, ele fundou uma entidade chamada World Without Hate (Mundo Sem Ódio). Quase todo fim de semana, Bhuiyan ia a algum lugar dar palestras. Também ajudava a filha de Stroman, com 20 e poucos anos, e o neto, que estavam em situação difícil, além das viúvas e dos filhos das outras vítimas. E ocupava-se navegando pelo mundo atribulado das doações e dos voluntários, respondendo a toneladas de e-mails, escrevendo um livro e administrando todas as solicitações da mídia.

"Há muitos Mark Stroman pelas ruas", disse Bhuiyan numa entrevista dois meses depois de Stroman ser executado. "Neste país e no mundo também, há muito ódio. Se alguém não gosta da minha cor, da minha fé ou do meu sotaque, bom, não posso mudar, porque foi assim que nasci." Ele não sabia ao certo que rumo sua vida tomaria, se devia largar o trabalho bem pago na empresa de informática e dedicar-se em horário integral a ajudar os outros, o que ele chama de seu "destino". Mas tinha certeza sobre a mensagem que gostaria de transmitir. "É importante que todos saibam que não devem odiar os outros por serem diferentes. Se quiser mesmo odiar alguma coisa, odeie essa atitude."

A ORDEM DOS FATORES...

Os homens distinguem-se entre si também neste caso: alguns primeiro pensam, depois falam e, em seguida, agem. Outros, ao contrário, primeiro falam, depois agem e, por fim, pensam.

Leon Tolstoi